

A formação profissional BAD é o processo de Bolonha

ANTÓNIO DOS SANTOS PEREIRA

PALAVRAS-CHAVE FORMAÇÃO REFORMA PLURALIDADE MOBILIDADE MEDIAÇÃO HUMANISMO

R E S U M O

Na transição do século XX para o século XXI, nota-se a tomada de consciência pela quase totalidade dos responsáveis europeus pelo Ensino Superior da necessidade de uma reforma do mesmo no sentido de o tornar verdadeiro catalisador de uma sociedade com maior mobilidade e acesso ao conhecimento. Às Ciências da Informação e Documentação cabe qualificar o acesso à nova esfera de bens culturais disponibilizados em simultâneo em todo o planeta de forma inaudita respeitando os valores da pós-modernidade: a ecologia e a felicidade humana, o bem-estar do homem concreto, a partilha responsável do saber, a transparência dos actos económicos e políticos, a denúncia da corrupção e a desmistificação. A prodigiosa capacidade de acumulação de informação técnica, científica e humanista coloca desafios mais prementes aos profissionais BAD, de certa forma intermediários entre as duas principais esferas nos âmbitos do saber e da cultura: a dos autores e a dos consumidores, a do conhecimento e a da acção. A sua formação deve, pois, assumir, em simultâneo e a todos os níveis, as características de unitária e plural, técnica e humanista e incluir tanto a Sociologia, a Cultura e a Psicologia, como o Direito, a Gestão e as técnicas de informação.

A B S T R A C T

In the transition of the XX to the XXI century, the evidence of an awareness of the majority of those responsible for European Higher Education on the need for a reform, in the sense that this reform should be made as a real catalyser of a society with greater mobility and access to knowledge. The role of Documentation and Information Sciences is to qualify the access to the new sphere of cultural property disposed simultaneously throughout the whole planet by respecting post-modern values: the ecology and the happiness of mankind, the welfare of the average man, the responsible share of knowledge, the transparency of economic and political actions, the denunciation of corruption and the demystification. The prodigious capacity of technical, scientific, humanistic information accumulation demands challenges to the information science professionals, as they are, to a certain degree, intermediaries between the two main spheres in the fields of knowledge and culture: the authors and the consumers, the knowledge and the action. Their education and training must, therefore, assume to all levels, the characteristics of being, simultaneously, unitary and plural, technical and humanistic, and includes a variety of subjects from Sociology, Culture and Psychology, to Law, Management and Information Technology.

A solenidade da Declaração de Bolonha, subscrita em 19 de Junho de 1999 pelos ministros europeus da Educação, como todos os manifestos de carácter sucinto, impõe-nos algumas considerações mais largas e a devida conferência dos documentos afins. Naquela, ficam manifestos: o reconhecimento da falência dos modelos de Estado-Nação e dos sistemas escolares de mera expressão nacional, vigentes nos dois últimos séculos, que conduziram a guerras planetárias e à formação de blocos de índole ideológica suportados por aparelhos militares de grande envergadura e extraordinariamente dispendiosos, quando não trágicos; a procura de alternativas, de outra índole, insistentes na estabilidade social, na liberdade de circulação, na democracia e no desenvolvimento; e as expectativas da acção decisiva do ensino superior na construção da sociedade do futuro. A insistência na autonomia das universidades em relação às políticas conjunturais dos estados motiva as melhores expectativas. Aquela declaração dos ministros europeus não pode, pois, ser entendida sem a retoma da *Magna Charta Universitatum* subscrita pelos reitores europeus em Bolonha, em 18 de Setembro de 1998, no seguimento da Declaração da Sorbonne, em 25 de Maio do mesmo ano, pelos ministros da Educação das principais potências europeias. O apelo à concretização dos ideais universitários assumidos em Bolonha não se faz sem a consciência do esmagamento que o poder político e o económico podem exercer sobre eles.

Mais do que factor de alteração, o Processo de Bolonha pretende adaptar o sistema de ensino superior às mudanças civilizacionais operadas no último século. Se o paradigma bolonhês medieval era o da universidade da iniciativa dos alunos, quase um milénio depois, a estes se reconhece de novo o maior protagonismo, compreendida a importância da auto-formação numa sociedade em mudança permanente. Exige-se, pois, uma nova atitude. A universidade deixa de estar confinada a uma fase etária, geralmente entre os 18 e os 23 anos, para consagrar a formação por toda a vida e responsabilizar na mesma outras instituições.

Neste contexto, acreditamos que as instituições culturais, onde exercem os habilitados em Ciências da Informação e Documentação, assumam novas e mais importantes responsabilidades. Com efeito, a pós-modernidade e as Ciências da Informação e Documentação estão intimamente comprometidas. Aquela, sem estas, não teria sido possível. Estas beneficiaram do rompimento das estruturas e da correspondente fluidez que a mesma permitiu. A capacidade inaudita de armazenamento

e cruzamento de memória que estas trouxeram eliminou a repetição de percursos e permitiu a saída rápida dos nós labirínticos da modernidade. Assistimos, pois, a alterações civilizacionais, não sabemos até quando, porquanto a mudança permanente parece constituir a característica mais acentuada da Nova Civilização que temos a oportunidade de viver.

Com efeito, guardadas as devidas distâncias e dimensões, encontramos hoje numa fase de transição em muito idêntica à que, depois do soçobrar do Império Romano e do mundo clássico, impôs aos espaços cultos do mundo medieval a cópia e multiplicação em códices daquilo que se considerava melhor em termos religiosos e civilizacionais, multiplicando e qualificando o seu acesso, nos quatro cantos do mundo de então, sem necessidade de grandes deslocações. No entanto, o mundo da cultura de há um milénio, pouco ultrapassava os claustros conventuais e exigia a condição clerical para o seu acesso. Volvido dois séculos, incluía os bairros universitários e os jovens mais diligentes das camadas burguesas. Bolonha é um bom exemplo desse feliz momento. A descoberta da imprensa no século XV acelerou o processo de acumulação cultural em vários pontos do planeta e fez do livro o suporte da civilização moderna ao democratizar o seu acesso. Actualmente, a desmaterialização através da digitalização e o transporte à velocidade da luz deram carácter omnipresente aos bens culturais e inauguraram a pós-modernidade. Falta normalizar e qualificar o acesso àqueles. Cabe às Ciências da Informação e Documentação construir os caminhos de acesso da totalidade dos seres humanos a esta nova esfera. Trata-se de um novo humanismo de antigos e novos valores universais e responsabilidades individuais, de que as universidades europeias, pelos seus reitores, se reivindicaram depositárias e nós tratamos separadamente:

OS NOVOS VALORES UNIVERSAIS

Não necessitamos de abordar os valores universais já incluídos em declarações de direitos, que o pensamento filosófico permitiu fundamentar ainda antes de finais do século XVIII. Aqui, trata-se da conferência de problemas históricos que a sociedade industrial acarretou e da possibilidade da sua resolução através de soluções múltiplas com aplicabilidade, qualquer que seja a dimensão, planetária, nacional ou individual, para consagrar como valores supremos: a ecologia e a felicidade humana, o bem-estar do homem concreto, a partilha responsável do saber, a transparência dos actos económicos e políticos, a denúncia da corrupção

e a desmistificação. Tal opção não deixa de exigir um certo assento filosófico, mas de uma forma diferente. A nova civilização, mais do que afirmar valores e construir sistemas, impõe o estudo de problemas, a consideração das dificuldades, o levantamento de dúvidas, a urgência das soluções e particularmente a responsabilização de todos os intervenientes sócio-culturais. Sem necessidade de recorrer aos patriarcas da pós-modernidade, Richard RORTY, Jean François LYOTARD, Jean BAUDRILLARD, Gianni VATTIMO, Fredric JAMESON, acerca deste posicionamento, invocamos a propósito o saudoso Professor Vieira de ALMEIDA:

- «a) Devem estudar-se, em separado, problemas definidos, em vez de tomar por objecto generalidades pomposas;
- b) Em vez de construir moldes lógico-metafísicos, dentro dos quais se encerra ou procura encerrar a realidade, é mais seguro deixar que a realidade modele os nossos trabalhos e especulações;
- c) Problemas tratados por esta forma, dado que sujeitos a um plano, podem finalmente originar não um sistema, mas direcções proficuas de pensamento;
- d) Não-de aprofundar-se todos os pontos, considerar-se todas as dificuldades, levar até onde for possível em todas as ramificações, e até às últimas consequências toda a doutrina, toda a conclusão»¹

AS RESPONSABILIDADES INDIVIDUAIS

Fica implícito, no que dissemos acima, uma maior responsabilidade individual a todos os participantes na esfera cultural e esta mais abarcante e exigente socialmente nos nossos dias do que no passado.

Se não quisermos um humanismo pós-moderno tão frustrado como o seu antecessor, teremos de cuidar todos os aspectos desta nova civilização. A modernidade inaugurada em finais de Quatrocentos começou pelo apelo à dignidade humana, mas ficou-se em modelos abstractos e despersonalizados. A pós-modernidade que começou com modelos técnico-científicos só se realizará na retoma da dignidade do homem. Compete às Ciências Sociais e Humanas o principal da tarefa: humanizar o espaço universal desmaterializado e despersonalizado da *Web*, das movimentações financeiras, da informação jornalística, dos conteúdos de entretenimento, da cultura de massas. O reconhecimento desta novidade, a despersonalização do sistema, pareceria inócuo, se esta não fosse acompanhada da perda do inerente elemento ético, ou seja, da necessária bondade dos intervenientes

ou da finalidade do sistema em si. A nova academia universal nada tem a ver com a academia clássica intuída por Juan Luís VIVES como «convento e concerto de homens doutos e bons, congregados para fazerem doutos e bons a todos os que a eles vierem com afã de saber»². Tendo reconhecido que o novo sistema despersonalizado perdeu tanto da sua componente ética quanto ganhou na sua componente técnica, perdida a bondade, como recuperá-la? Decerto, o mesmo desenvolvimento técnico exige uma redefinição desta. Tudo se trata hoje a uma escala planetária: a guerra e todo o conjunto de males que lhe anda associado; a paz e os valores dela derivados. A ecologia e a solidariedade impõem-se a este nível, empenhando os estados, particularmente as potências, e as grandes organizações internacionais de forma profissionalizada, mas não podem deixar de ser abordadas a nível regional e local e responsabilizadas no âmbito pessoal.

A despersonalização dos sistemas em função de um presumível desenvolvimento científico criou barreiras quase inultrapassáveis e vários níveis de nova iliteracia. A complexificação dos modelos académicos de ensino e aprendizagem em todas as áreas tornou difícil o acesso a textos voluntariamente codificados e afastados do leitor comum em todas os saberes, designadamente nas humanidades, na Filosofia e até na História.

Impõe-se, pois, uma nova mediação que a escola, mesmo ao nível do ensino superior, não cumpre, ainda que a reivindique, como observámos acima. A maioria dos saberes ditos universitários raramente agrega os necessários considerando humanistas. Cabe, pois, também às bibliotecas, aos arquivos e centros de documentação e aos museus assumirem o carácter de mediadores de informação e de responsabilização institucional dos intervenientes no processo: identificando autorias, responsabilizando utentes de informação e acompanhando-os nas suas trajectórias culturais.

AS NOSSAS PROPOSTAS

O carácter conservador das instituições de custódia dos bens culturais, arquivos, bibliotecas e museus, criadas e promovidas sob a inspiração do estado-nação, desde finais do século XVIII, urge, pois, transformações que só lhe podem ser dadas, a prazo, por um conjunto de profissionais dotados de um *corpus* científico unitário e transdisciplinar que transformem aquele e lhe dêem um conspecto dinâmico. Ainda que este imponha um conjunto de saberes e práticas que habilitem ao bom desempenho das tarefas tradicionais de organização, descrição, recuperação

e acondicionamento da documentação, a nova Sociedade da Informação exige também competências em línguas estrangeiras, particularmente em inglês e nas matérias intrínsecas ao fenómeno/processo info-comunicacional, que a Sociologia, o Direito, a Gestão e a Psicologia disponibilizam aos novos profissionais da área referida.

Apesar da proximidade, acentuada pela designação proposta no documento da Comissão Especializada do CRUP para a Educação e Formação Inicial, Pós-Graduada e Permanente, 6.^a versão, de 7 de Outubro de 2005, o curso de Ciências da Informação e Documentação não se confunde de forma alguma com os cursos de Jornalismo ou de Ciências da Comunicação. Com efeito, a informação com que trabalham os arquivistas e os bibliotecários é de natureza diferente. Distingue-se da abordada naqueles cursos tanto por ser uma informação interna produzida por pessoas físicas ou jurídicas no desempenho das suas actividades, de forma necessária e inevitável, como por ser uma informação previsível, resultante de processos estabelecidos (procedimentos administrativos, de negócios e de gestão) e ainda por ser uma informação regulamentada na sua criação, uso e conservação.

As redes de bibliotecas gerais ou especializadas, públicas, nacionais, regionais, municipais, os serviços de documentação universitários e outros, os museus distritais e os temáticos, os mais diferentes estabelecimentos de ensino, os arquivos e os centros de documentação das empresas e de outras instituições necessitam de profissionais habilitados nas tarefas da gestão integral dos documentos e dos livros em todo o seu ciclo de vida e de conhecimentos sobre seus potenciais utentes.

A moderna política universitária, manifesta nos documentos do CRUP (Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas), impõe que a formação comece ao nível do 1.º ciclo também nas matérias da Informação e Documentação, cumprindo o desiderato mais lato de equivalências subjacente ao ECTS (European Credit Transfer System). A aquisição de formação, ainda a um nível mais geral, habilita os profissionais ao desempenho de diversas tarefas em instituições e organismos de qualquer dimensão e possibilita-lhe a mais certa escolha na especialização no 2.º ciclo e no doutoramento e pós-doutoramento em 3.º ciclo, que implique investigação ao mais alto nível de novos processos de preservação e conservação, serviço público e participação no desenvolvimento social por parte das bibliotecas e arquivos.

As exigências aos profissionais da informação e documentação impõem-lhes conhecimentos multidisciplinares. Assim, o primeiro nível de formação deve ser repartido entre as Ciências Sociais e Jurídicas, as Artes e as Humanidades e a Informática. Os formandos devem adquirir as metodologias de investigação, desenvolver a capacidade de redacção, obter as noções de gestão, planeamento e administração, cumprir a deontologia profissional e dominar pelo menos uma língua estrangeira e ter conhecimentos do latim.

Devem pois os habilitados com 1.º ciclo adquirir as competências que lhes permitam ser capazes de reunir, seleccionar, conservar e preservar a documentação e a informação para que possa ser utilizada por terceiros, designadamente manuscritos, impressos, gravações sonoras e de vídeo, fotografias, películas cinematográficas, recursos digitais, cartas geográficas, ícones etc. em todo o tipo de bibliotecas e arquivos, centros de documentação e de informação, gerir conteúdos nas mesmas instituições e prestar serviços à comunidade.

Propomos, naturalmente, uma especialização mais aturada para o segundo e terceiros níveis em que os candidatos podem seguir mestrados direccionados para a investigação ou os tradicionais cursos de pós-graduação em Ciências Documentais em ramo arquivo ou biblioteca, formando profissionais empreendedores, corpos dirigentes, capazes de fazer executar as tarefas enumeradas anteriormente com sucesso. O terceiro nível de alta especialização deve ser garantido sempre aos que demonstrarem talento e apoiado pelas instituições que a exigem tanto no âmbito nacional como internacional. No caso da Universidade da Beira Interior, a este nível pretendemos desenvolver investigação em algumas áreas onde já existe competência: Línguas e Culturas Clássicas, Cultura Portuguesa, Sociologia da Informação e Preservação e Conservação.

NOTAS

¹ Cf. Vieira de ALMEIDA, *A Impensabilidade da Negativa*, 2.ª ed., p. 13, cit. in SERRÃO, Joel – “Vieira de Almeida ou uma Filosofia do Rigor”, in *Temas de Cultura Portuguesa – II: Içar as Velas e Soltar os Ventos*, p. 188-189.

² VIVES; Juan Luís – *De Disciplinis*, parte II, livro II, cap. II.

DICIONÁRIO BREVE DE ALGUMA TERMINOLOGIA DO PROCESSO DE BOLONHA

TERMINOLOGIA DO PROCESSO DE BOLONHA	SIGNIFICADO
BOLETIM DE REGISTO ACADÉMICO	CADERNETA DO ALUNO ONDE CONSTAM AS CADEIRAS FEITAS.
CIMEIRA DE BERGEN (2005)	ENCONTRO DA EUROPEAN UNIVERSITY ASSOCIATION QUE RECONHECE A NECESSIDADE DE FORTALECER AS UNIVERSIDADES NOS PLANOS DOS RECURSOS E DA QUALIDADE PARA PODEREM CONTRIBUIR PARA UMA EUROPA FORTE, NO CAMINHO DA IMPLEMENTAÇÃO DOS OBJECTIVOS DA ESTRATÉGIA DE LISBOA.
CIMEIRA DE BERLIM (SETEMBRO DE 2003)	ENCONTRO DOS MINISTROS EUROPEUS RESPONSÁVEIS PELO ENSINO SUPERIOR RECONHECENDO ESTE COMO SERVIÇO PÚBLICO, A NECESSIDADE DE FOMENTAR SINERGIAS ENTRE ESTE E A INVESTIGAÇÃO E A CRIAÇÃO DE UMA "ÁREA EUROPEIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR" BASEADA EM DOIS CICLOS DE ESTUDOS.
CIMEIRA DE PRAGA (MAIO DE 2001)	ENCONTRO DE 32 MINISTROS EUROPEUS DA EDUCAÇÃO ONDE SE CONFIRMAM E FIXAM MEDIDAS E METAS PARA O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO EUROPEU.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	MATÉRIA.
CONTRATO DE ESTUDOS	CONVENÇÃO ENTRE UM ALUNO E UMA UNIVERSIDADE DIFERENTE DA SUA DE ORIGEM SOBRE UM CONJUNTO DE UNIDADES CURRICULARES A CUMPRIR EM DETERMINADO TEMPO.
DECLARAÇÃO DA SORBONNE (25 DE MAIO DE 1998)	RECONHECIMENTO DA IMPORTÂNCIA FUNDAMENTAL DAS UNIVERSIDADES COMO AGENTES HISTÓRICOS DE DESENVOLVIMENTO GLOBAL POR FAVORECEREM A CIRCULAÇÃO DE PESSOAS E CONHECIMENTOS.
DECLARAÇÃO DE BOLONHA (19 DE JUNHO DE 1999)	DOCUMENTO SUBSCRITO POR 45 MINISTROS DA EDUCAÇÃO DE PAÍSES EUROPEUS PARA UNIFORMIZAR O SISTEMA DE ENSINO SUPERIOR.
DECLARAÇÃO ESTUDANTIL DE GOTEMBURGO (MARÇO DE 2001)	DOCUMENTO PRODUZIDO PELAS ASSOCIAÇÕES NACIONAIS DE ESTUDANTES NA EUROPA QUE APORTAM AO PROCESSO DE BOLONHA AS DIMENSÕES HUMANAS E SOCIAIS APARENTEMENTE ESQUECIDAS NAQUELE.
ECTS (EUROPEAN CREDIT TRANSFER SYSTEM)	INSTRUMENTO PARA A MOBILIDADE UNIVERSITÁRIA DE ACORDO AO PESO DAS CADEIRAS EM CRÉDITOS.

TERMINOLOGIA DO PROCESSO DE BOLONHA	SIGNIFICADO
ESCALA EUROPEIA DE COMPARABILIDADE DE CLASSIFICAÇÕES	INSTRUMENTO QUE AFERE O PESO DAS CADEIRAS EM CRÉDITOS.
ESTRATÉGIA DE LISBOA (MARÇO DE 2000)	REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DO CONSELHO EUROPEU QUE RECONHECE A NECESSIDADE DE APOSTAR EM INFRA-ESTRUTURAS DO CONHECIMENTO PARA FOMENTAR A INOVAÇÃO.
MAGNA CHARTA UNIVERSITATUM (BOLONHA, 18 DE SETEMBRO DE 1988)	PROCLAMAÇÃO, SUBSCRITA PELOS REITORES DAS UNIVERSIDADES EUROPEIAS, DA AUTONOMIA DESTAS FACE AO PODER POLÍTICO E ECONÓMICO, DA SUA TRADIÇÃO HUMANISTA, DO COMPROMISSO DE PERMUTA DE CONHECIMENTOS E DA NECESSIDADE DE UNIFORMIZAÇÃO DO SISTEMA DE EQUIVALÊNCIA DE GRAUS ACADÉMICOS E DE INCENTIVO GERAL À MOBILIDADE DE ESTUDANTES E PROFESSORES.
SESSÃO DE ENSINO DE NATUREZA COLECTIVA	AULA.
SESSÃO DE ORIENTAÇÃO PESSOAL	ATENDIMENTO INDIVIDUAL DO ALUNO PELO PROFESSOR.
SUPLEMENTO AO DIPLOMA	ANEXO AO DIPLOMA DE FIM DE CURSO ONDE CONSTAM AS CLASSIFICAÇÕES OBTIDAS NAS CADEIRAS FEITAS EM QUALQUER UNIVERSIDADE E OUTRAS INFORMAÇÕES RELEVANTES CURRICULARES.
UNIDADE CURRICULAR	CADEIRA.